



Modus Operandi – Georgio Rios

Por Bruno Gaudêncio

Georgio Rios é um dos mais destacados nomes da poesia baiana contemporânea. Não é a toa que seu nome esteja presente na antologia *Sangue Novo*, organizada pelo poeta José Inácio Vieira de Melo e recentemente lançada pela editora Escrituras. Dono de uma lírica profunda e musical, em 2010, o poeta lançou pela Via Litterarum, de Itabuna, Bahia, seu segundo livro de autoria, intitulado de *Modus Operandi*.

O livro, dividido em duas sessões, caracteriza-se dentro dos modelos expressivos da poética contemporânea, pela significativa musicalidade dos versos, com uma textura consciente e carregada de sonoridades. *Modus Operandi* produz uma sensação demarcada por universos de lucidez labiríntica no qual o poeta trata de temáticas universais, em estratégias lingüísticas que muitas vezes perpassam um olhar silencioso e cálido sobre a natureza e a morte.

Demarcando pelo “mundo infância” e um “mundo interno” nos quais termos como pedra, telhas, raízes, pássaros nos trazem a sensação de uma “infância reinventada”, inspirada pela prática cotidiana da poesia, escrita na pele, em modulações de ritmos e virtualismos simbólicos que causam uma surpresa e um encanto, num processo de síntese ideativa, que demonstra uma profunda consciência de linguagem.



O Alquimista - Paulo Coelho.

Por Gabriel Viviani

Será que sou culto, sofisticado, muito intelectual para ler o Paulo Coelho? Será tão terrível escrever uma resenha literária sobre o mago? Devo confessar, ó meu Deus, ter lido O Alquimista? Posso colocar isso no meu currículo?

Fico, às vezes, pensando: muitos dos que criticam os livros do Paulo Coelho escondem-se sob as cobertas, à noite, folheando seus romances. Corariam se alguém lhes descobrisse o segredo!

Sim, eu já li Paulo Coelho. De alguns admito ter gostado mais (especificamente dois), e de outros menos. Os críticos afirmam: obras que não serão lembradas daqui a cem anos. Como ter certeza disso? Sou escritor e posso garantir: o autor não é capaz de antecipar sua imortalidade.

Outro tipo de crítica, essa dos mais intelectualizados: os enredos coelhianos, vamos colocar assim, misturam tradições espirituais criando uma mixórdia conceitual. Magia wicca, cristianismo, islamismo, judaísmo, astrologia, crenças indígenas... Que confusão! Sim, sob certo ponto de vista. Mas, na realidade, as obras de Paulo Coelho não são tratados de religião ou de espiritualidade. Quem lê assim se engana. São romances, livros de ficção, e precisam ser entendidos dessa maneira. Se você quer ler tratados, procure os estudiosos dos assuntos.

O fenômeno Paulo Coelho tem, sobretudo, um aspecto interessante. A cultura, até meados do século XX, esteve dominada por escolas de pensamento niilistas e existencialistas. Sartre e Camus defendiam, por exemplo, uma visão sombria do mundo, onde a transcendência estava abolida. Faziam a cabeça da moçada! Os enredos coelhianos, ao contrário, caracterizam-se pelo otimismo. Todas as suas histórias têm lá um final feliz. Não estou comparando estilos literários, dizendo que Paulo Coelho é Sartre ou Camus. Mas acho curioso observar essa transformação cultural.

Sei, você pode estar pensando: a vida não é um mar de rosas, nem tudo termina como terminam os romances do Paulo Coelho. Concordo. Porém, Aristóteles já ensinava – ai, o sujeito agora cismou de misturar Aristóteles com Paulo Coelho! – na obra *Ética a Nicômaco*: "Em conclusão, a virtude é uma espécie de mediania, já que, como vimos, ela põe a sua mira no meio-termo". E somente atingimos o meio-termo, buscando a radicalidade do oposto. O coelhismo, neste caso, talvez fosse mesmo necessário.